

• **Artes:** *Desenhos de Landseer são vendidos por US\$ 1,2 milhão • 3*

# SEGUNDO CADERNO

**Livro:** *Maurício de Souza escreve memórias aos 40 anos de carreira • 8*

SEXTA-FEIRA, 30 DE ABRIL DE 1999



DORIVAL CAYMMI num encontro, em 1966, com João Gilberto: ele lembrou de quando ouviu pela primeira vez uma canção de Dorival, aos 12 anos, no alto-falante de sua Juazeiro natal, às margens do São Francisco

## Uma ode ao mestre

João Gilberto escreve poema para o amigo Dorival Caymmi, que completa 85 anos hoje

Mario Adnet

Especial para O GLOBO

**C**omemorando, hoje, 85 anos muito bem vividos, Dorival Caymmi conversou com O GLOBO lembrando de sua formação e de seu envolvimento com a música. Durante a entrevista, realizada, anteontem, em seu apartamento, em Copacabana, um telefonema de seu conterrâneo João Gilberto funcionou como um presente antecipado. Emocionado, no outro lado da linha, como Caymmi contou depois, João lembrou de quando ouviu pela primeira vez uma canção de Dorival, aos 12 anos de idade, no serviço de alto-falante de sua Juazeiro natal — cidade às margens do Rio São Francisco.

Ontem de manhã, em outra conversa por telefone — o seu meio de comunicação preferido, depois da música — João Gilberto leu o poema que fez especialmente para homenagear Caymmi nesta reportagem do GLOBO — publicado ao lado.

Além de ambos terem nascido na Bahia, o trajeto dos dois têm outros pontos em comum. O impacto do trabalho de Dorival Caymmi na música popular brasileira, a partir do fim dos anos 30, quando chegou ao Rio e foi gravado por Carmen Miranda, é similar ao efeito que a gravação de "Chega de saudade" (Tom Jobim e Vinícius de Moraes) por João Gilberto exerceu sobre a geração dos anos 60, de Caetano Veloso, Gilberto

Gil, Chico Buarque e Edu Lobo. No seu primeiro LP, no entanto, João Gilberto também fez questão de mostrar sua ligação com a obra do mestre Caymmi, cantando o samba "Rosa Morena".

Versão que, em 1959, chamou a atenção do sempre exigente compositor. Hoje, 40 anos depois, Caymmi lembra dos primeiros contatos com aquele jovem cantor e violonista.

### A revelação solo do "Garoto da Lua"

— João Gilberto era de um conjunto, Garotos da Lua, que trabalhava na mesma rádio que eu, a Tupi — lembra Caymmi. — Eu não reparava muito nele, nem no violão que ele tocava. Ele não fazia nada para aparecer. Eu só sabia o nome do conjunto. Tempos depois estava se iniciando um negócio que ia se chamar bossa nova. O Aloysio de Oliveira, que já estava trabalhando na Odeon e procurava por novos talentos para a fábrica, me chamou para ouvir um acetato, acho que era um teste, e me perguntou se eu tinha idéia de quem estava cantando. A música era "Chega de Saudade", um samba gostoso, uma beleza, de Tom Jobim, que eu não conhecia ainda, e Vinícius de Moraes. Era cantada de uma maneira assim muito suave e com um ritmo excelente. Aloysio olhava pra minha cara esperando a resposta, insistia pra que eu adivinhasse quem era o cantor. Eu não conseguia reconhecer aquela voz mas achei o ca-

### MEU DORIVAL CAYMMI

*Amo você desde menino. Você é imenso, único. Obrigado por tudo. Agora cantamos pra Deus proteger-te. Um beijo carinhoso, João*

Poema de João Gilberto para o seu mestre Dorival Caymmi, escrito para publicação exclusiva no GLOBO

marada um fenômeno. Então ele disse: "É Joãozinho!"

Caymmi não ligou o nome ao vocalista dos Garotos da Lua e nem reconheceu a voz mesmo quando Aloysio tocou novamente o acetato.

— Eu só o conhecia no grupo, não sabia que ele cantava solo, não tinha idéia de como era a voz dele, aí eu disse: "Aloysio você descobriu uma mina de ouro!"

Mina de ouro que sempre soube garimpar preciosidades da música popular brasileira. João Gilberto nunca aceitou se restringir ao rótulo de cantor bossanovista. E, ao lado da canções de Jobim, Vinícius, Carlos Lyra, Roberto Menescal e Ronaldo Bôscoli, entre outros, sempre buscou velhas pérolas do samba.

— Quando João começou a gravar minhas músicas foi muito importante. Ele me telefonava, tão seguro e perfeccionista que era, e cantava as músicas perguntando se as letras es-

tavam certas, se as melodias eram exatamente aquelas. Um dos poucos da nossa profissão que teve o respeito, o cuidado de saber como o autor compôs, letra e música.

Ainda nas lembranças de seu contato e imediata sintonia com a bossa nova, Caymmi conta também como conheceu Tom Jobim:

— O encontro com o Tom eu devo a Marino Pinto, que me apresentou a um rapaz bem apessoado e discreto. Estava descansando no Café Simpatia, na Avenida Rio Branco, e Marino veio chegando acompanhado de um rapaz magro de roupa clara, sem gravata, e disse: "Caymmi, esse camarada aqui é um talento, já falei dele pra você?" Eu não podia imaginar nunca que aquele rapaz, que já tocava na noite que eu não frequentava muito, seria o Tom Jobim, essa fera que está por aí deixando essa lembrança constante.

### As primeiras canções de um lapidador de sons e palavras

Lembrança puxa lembrança e Caymmi vai mais fundo no passado, relatando seus primeiros passos como compositor.

— A minha primeira música, um samba com um tema regional, foi lembrada há pouco tempo por um amigo meu, Marcelo (*cantarola*): "Lá no sertão nasce a vida/E a alegria no coração". Eu ia botando os versinhos à maneira do que eu ouvia nas formas das canções gravadas nos discos que vinham do Rio de Janei-

ro. A forma era medida: estribilho, dois versos e pronto, estava feito o tempo da canção, mais ou menos dois minutos. Tomei gosto e descobri que podia fazer música e versos.

O talento precoce não passou despercebido. Caymmi foi ouvido por um músico da Rádio Comercial, em Salvador, um senhor com idade para ser seu pai.

— Ele vinha me observando há algum tempo e percebia em mim um talento para escrever letras. Queria que pusesse letra numa valsa dele. Fui lá, com ousadia e curiosidade. Ele era saxofonista, tocou a melodia e decorei e escrevi a letra. Foi minha primeira aventura profissional.

Ele chegou ao Rio de Janeiro, em 1938, com intenção de estudar advocacia. Mas, um ano depois, Caymmi confirmaria o dom e o desejo de fazer música.

— Braguinha me levou ao Wallace Downey, que procurava uma música que falasse de Bahia, para substituir uma do Ary Barroso, que tinha cobrado muito caro. Assinei o contrato de 100 mil réis na presença de Mario Lago. Perguntei para onde era, me disseram que era para sair num filme e quem ia cantar era Carmen Miranda! — conta. — Quem me levou para conhecê-la foi Almirante. Ela me achou muito garoto e disse: "Eu quero ouvir a música cantada por ele!" Toquei com o ritmo todo rasqueado, gostoso, todo mundo achou uma loucura! *Continua na página 2*